

## O conceito de vontade de Schopenhauer e alguns desdobramentos na Psicanálise freudiana

**Giovanni Vieira de Carvalho Novelli**

Graduando em Filosofia na Universidade Federal do Paraná – UFPR

Bolsista de Iniciação Científica SEPT-UFPR

g.novelli2013@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo apresentar o desenvolvimento do conceito de “vontade” na obra *O mundo como vontade e representação* (1818-9) do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. Pretende-se apresentar o conceito perpassando inicialmente pela dicotomia kantiana da *Crítica da razão pura* entre “coisa em si” e “fenômeno”. Depois, seguiremos as observações feitas por Schopenhauer a essa categorização da realidade e suas ressalvas, para, então, explicitarmos a sua respectiva filosofia fundamentada na oposição entre “vontade” e “representação”. Por último, a influência desse pensamento na denominada “segunda tópica” (pós 1920) na obra do pai da Psicanálise, Sigmund Freud.

**Palavras-chave:** Vontade, Arthur Schopenhauer, Immanuel Kant, psicanálise, Sigmund Freud.

Com o objetivo prévio de abordar o conceito de “vontade” na obra *O mundo como vontade e representação*, este artigo conduzirá o leitor a uma interpretação dessa formulação criada por Schopenhauer como um princípio vital de toda a realidade (sendo a sua manifestação apenas a representação sujeita ao princípio de razão suficiente).

A partir disso, precisamos inicialmente partir da separação que Immanuel Kant faz entre fenômeno e a chamada “coisa em si”, pois é dela que a dicotomia entre “vontade” e “representação” parte. Neste caso, Kant afirma logo no prefácio da sua *Crítica da razão pura* que ali

se demonstrará que o espaço e o tempo são apenas formas da intuição sensível, isto é, somente condições da existência das coisas como fenômenos e que, além disso, não possuímos conceitos do entendimento e, portanto, tão-pouco elementos para o conhecimento das coisas, senão quando nos pode ser dada a intuição correspondente a esses conceitos; daí não podermos ter conhecimento de nenhum objeto, enquanto coisa em si, mas tão somente como objeto da intuição sensível, ou seja, como fenômeno<sup>1</sup>.

A partir desse trecho, o Kant afirma que a possibilidade de conhecimento se dá mediante as condições de possibilidade do conhecimento, as quais são o espaço e o tempo, onde, a partir dessa coordenada pode-se derivar conceitos dentro da própria experiência, sendo a mesma constituída de diversas intuições. No entanto, há a denominada coisa em si, a qual seria o que está presente por detrás do fenômeno e que não é passível de ser conhecida pelo próprio ser humano, pois a mesma não cumpre com esses pré-requisitos presentes no idealismo transcendental kantiano.

Partindo dessa filosofia, Schopenhauer faz uma crítica a Kant, pois o mesmo não derivou um princípio que fundamenta a realidade, mas somente apontou que há algo que está por detrás de todo o fenômeno e que esse elemento não é passível de ser conhecido por nenhum ser humano. Nesse sentido, o projeto filosófico que Schopenhauer inicia parte de construir essa essência, no entanto, escapando às críticas kantianas que normalizam o conhecimento humano.

Dessa maneira, o mesmo parte, no parágrafo 17 de *O mundo como vontade e representação*, de uma perspectiva que os campos da matemática e da

---

<sup>1</sup> KANT, 2013, p. 25.

ciência da natureza; os quais não conseguiram atingir essa coisa em si, mas somente lidaram com as representações, sendo essas ciências inúteis do ponto de vista dessa investigação. Além disso, é necessário ressaltar que esse princípio de toda a experiência está contido fora do espaço e do tempo, como também não está atrelado ao princípio de razão suficiente, o qual é enunciado por Schopenhauer para afirmar que tudo que existe tem uma causa de ser o que é. Sendo assim, o ele afirma que:

A conexão causal dá apenas a regra e a ordem relativa de seu aparecimento no espaço e no tempo, sem nos permitir conhecer mais concretamente aquilo que aparece. Ademais, a lei de causalidade vale somente para representações, para objetos de uma determinada classe, sob cuja pressuposição unicamente possui significado: portanto, igual tais objetos, existe só em relação ao sujeito, logo, condicionalmente, pelo que é conhecida tanto a priori, quando se parte do sujeito, quanto a posteriori, quando se parte do objeto (como Kant ensina)<sup>2</sup>.

Logo, o elemento que Schopenhauer pretende enunciar e trazer à tona só pode ser levado como uma investigação séria se o mesmo fizer a partir do interior do sujeito e for dentro de condições *a priori*, isto é, que sejam antes da experiência. Nesse sentido, pode-se considerar que a única forma de atingir esse pilar da realidade é no e pelo próprio sujeito, ou seja, seu próprio corpo como objeto de conhecimento da denominada “vontade”. Todavia, Schopenhauer dirá que o corpo é a manifestação da chamada “objetividade da vontade”, isto é, o corpo tomado como a matriz da vontade a qual é sentida

---

<sup>2</sup> SCHOPENHAUER, 2015, p. 115, §17.

na consciência como núcleo mais íntimo de cada um<sup>3</sup>. Nesse sentido, esse corpo é o ponto de vista privilegiado para se penetrar no substrato da matéria e, conseqüentemente, do universo<sup>4</sup>. Por essas e outras que o autor declara que a vontade é o conhecimento a priori do corpo, e o corpo é o conhecimento a posteriori da vontade<sup>5</sup>.

Nesse sentido, o autor declara que apenas na reflexão há uma diferença visível do querer e do agir. No entanto, na prática, essa separação não ocorre, pois, diante das afecções que o corpo sente e sua respectiva reação, não é possível diferenciá-los. Além disso, é preciso notar que essas mesmas afecções (como prazer e dor, por exemplo) não são representações, mas a própria objetividade da vontade manifesta no corpo. Sendo assim, percebemos que o corpo funciona tanto como meio de conhecer as manifestações da própria vontade; como, também, o fato de conhecê-lo, automaticamente me faz perceber como a vontade se manifesta, ou seja, o conhecimento de um implica no conhecimento do último. Outrossim, é preciso recordar que não é possível conhecer a vontade como unidade e em sua totalidade, mas sim em atos isolados e também contidos no tempo, pois é a forma que a representação dos nossos corpos e de quaisquer objetos aparecem mediante a experiência, isto é, poderia-se afirmar que o corpo é a condição de possibilidade para o conhecimento da vontade.

Não obstante, Schopenhauer observa todos os objetos exteriores a nós mesmos (inclusive nossos próprios corpos) são apenas aparências de uma vontade, ou seja, como o mesmo afirma no início da obra, “o mundo é minha

---

<sup>3</sup> BARBOZA, 1997, p. 46.

<sup>4</sup> BARBOZA, 1997, p. 49.

<sup>5</sup> SCHOPENHAUER, 2015, p. 117, §18.

representação”<sup>6</sup>. Nesse sentido, para o filósofo, é inegável o fato de que as nossas experiências lidam com meras representações que são apenas manifestações parciais de uma vontade, a qual, como já foi dito anteriormente, só pode ser conhecida por meio das afecções presentes no corpo humano. No entanto, aqueles que negam o fato de o corpo ser a mediação para o conhecimento da vontade são apenas indivíduos que padecem do que ele denomina de “egoísmo teórico”, os quais consideram que as aparências presentes no mundo são fantasmas. Todavia, por mais que isso, aos olhos de Schopenhauer, seja algo extremamente problemático, o mesmo alega que tal egoísmo foi, na filosofia, trabalhado como encenação por diversos pensadores. Em suma, faz-se notar que tudo aquilo que está fora do corpo do indivíduo aparece, para ele, como representações na consciência e somente isso.

Desse modo, retornando especificamente ao termo “vontade”, o filósofo alemão comenta que as determinações que a mesma implica no indivíduo se dão na forma do querer em um determinado tempo, lugar e sob circunstâncias específicas, sendo essa a forma que a vontade se manifesta nos animais como aparência. No entanto, tal conceito, vontade, está fora do espaço, do tempo e do princípio de razão suficiente, pois a vontade ela mesma é inatingível – pelo conhecimento submetido ao princípio de razão suficiente – enquanto unidade, mas apenas relativamente. Desse modo, Schopenhauer declara que a vontade é algo, de acordo com ele, sem fundamento, exatamente pelo fato de que não está presente na experiência de maneira completa.

---

<sup>6</sup> SCHOPENHAUER, 2015, p. 3, §1.

A partir disso, pode-se compreender o porquê do autor, no capítulo 44 do segundo volume de sua obra principal, afirmar que a forma mais singela em que a vontade se apresenta é a denominada “Vontade de vida” no aspecto de impulso sexual. Pois não se sabe de onde a mesma provém, mas sim que ela se manifesta no ser humano dessa determinada maneira e que é a própria essência dos seus instintos. A partir disso, podemos perceber também o porquê de Sigmund Freud, pai da Psicanálise, citá-lo brevemente em uma passagem no quarto prefácio do texto de 1905 chamado “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”<sup>7</sup>. Nessa perspectiva, ambas as concepções teóricas partem de algo que não se sabe muito bem de onde vem, mas apenas que se manifesta no indivíduo. Além disso, as concepções teóricas freudianas possuem outros desdobramentos que possuem traços schopenhauerianos, os quais se manifestam a partir da denominada “segunda tópica” (Após 1920), na qual haverá o conflito dentro do indivíduo.

Tais lições sobre a Vontade, sobre o desejo serão assimiladas pelo criador da Psicanálise, Freud, que conceberá, nos passos de Schopenhauer, dois impulsos básicos no mundo: o impulso de vida e o de morte, ou, como ele também os chamava, amor e ódio, Eros e Tânatos. Eros se traduz em sexualidade; Tânatos, em agressividade. Um constrói, outro destrói<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> “Pois há algum tempo o filósofo Arthur Schopenhauer fez ver aos homens o quanto seus atos e esforços são determinados por impulsos sexuais, no sentido habitual do termo, e é impossível que tantos leitores pudessem apagar inteiramente do espírito uma admoestação tão forte! No que toca a ‘expansão’ do conceito de sexualidade, que a análise de crianças e dos assim chamados perversos tornou necessária, todos os que olham desdenhosamente para a Psicanálise, de uma posição de superioridade, deveriam ter em mente como a sexualidade ampliada da Psicanálise se aproxima do *Eros* do divino Platão” (FREUD, 2016, p. 18).

<sup>8</sup> BARBOZA, 1997, p. 52-53.

Essa perspectiva de mundo, construída por Sigmund Freud, nos apresenta claramente as semelhanças com Schopenhauer ao ressaltar a forma que a oposição desses dois impulsos ocorre, derivando dela os sentidos da nossa evolução cultural. Nesse aspecto, o psicanalista afirma que

Ela nos apresenta a luta entre Eros e morte, instinto de vida e instinto de destruição, tal como se desenrola na espécie humana. Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso a evolução cultural pode ser designada, brevemente, como a luta vital da espécie humana.<sup>9</sup>

Ademais, percebe-se que os desdobramentos dos conceitos psicanalíticos estão exatamente no único lugar que Schopenhauer considera possível conhecer a vontade: o próprio corpo do ser humano. Igualmente, deste ponto de vista, o próprio corpo deve corresponder solicitamente a todas as investidas da vontade que se apresentam nas sensações, como os dentes, esôfago, fome objetivada pelo canal intestinal, genitais como impulso sexual objetivado, seu caráter, etc. Além disso, a própria reflexão do filósofo nos leva a crer que todo objeto é aparência e que a coisa em si é apenas vontade diferenciada de toda representação que nos é demonstrada pela realidade<sup>10</sup>. Todavia, o pensador ressalta que essa vontade tem uma contradição interessante, pois ela se manifesta pela pluralidade, mas a mesma, em sua totalidade, é uma unidade; além de não estar atrelada ao princípio de razão suficiente e muito menos ao princípio de individuação (por isso, o próprio filósofo a considera sem fundamento).

---

<sup>9</sup> FREUD, 2010, p. 90-91.

<sup>10</sup> SCHOPENHAUER, 2015, p. 128, §23.

Partindo dessa perspectiva, ambos os princípios fundamentam a nossa realidade e permitem a experiência, a qual, como sabemos, aos olhos do ser humano, permite que percebamos que nós somos determinados mediante essa vontade una que se manifesta em nós por meio das afecções que agem em nossos corpos. Sendo assim, a noção de liberdade é apenas uma ilusão que nos aparece durante a reflexão; mas a mesma se equivoca a partir do momento que crê que temos momentos que escapam à determinação dessa vontade que se manifesta parcialmente na representação. A qual, como se sabe, está submetida ao princípio de individuação e ao de razão suficiente.

Ademais, o autor alega que essa mesma vontade se apresenta de outras formas na nossa realidade, pois a primeira possibilita a experiência como essência da segunda. Sendo assim, a vontade aparece “sobretudo no instinto e no impulso industrioso dos animais”<sup>11</sup>, os quais não possuem um motivo ou conhecimento aparente, mas demonstram a atividade desse substrato sem nenhum tipo de razão. Assim, a mesma vontade se apresenta como uma diversidade de estímulos no próprio corpo humano, como também na vivacidade dos animais que nos apresentam, por meio de sua atividade, uma manifestação mediante esses próprios estímulos. Além disso, as leis universais que regem o universo e são imutáveis também são fundamentadas mediante a mesma vontade.

Em resumo, a vontade de si se apresenta sempre como uma representação, seja por estímulos no corpo do indivíduo, seja nos animais a partir de suas atividades e até nas leis que regem o universo: tudo isso tem como fundamento a vontade una que se manifesta parcialmente. No entanto,

---

<sup>11</sup> SCHOPENHAUER, 2015, p. 133, §23.

em sua respectiva manifestação na qual ela é aparência, essa vontade está presente na realidade que é sujeita ao princípio de individuação e o princípio de razão suficiente. Por fim, é importante lembrar que a vontade (ela mesma) não está sujeita a essas leis, mas, como Schopenhauer alega, ela é sem fundamento e determina toda a representação.

### Referências bibliográficas

- BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: A decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.
- FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Manuela Pinto de Souza e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbelkian, 2013.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, 1º tomo**. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.